Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

QUANDO O CINEMA TOCA ALGO DO REAL

WHEN CINEMA TOUCHES SOMETHING REAL

CUANDO EL CINE TOCA ALGO REAL

Ivone Maia de Mello
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus/Bahia, Brasil

Resumo

Este escrito discute o filme Limite, dirigido por Mário Peixoto, lançado em 1931, com uma narrativa através de imagens que remetem à passagem do tempo e à condição humana. Reconhecido internacionalmente, por seu estilo único e sua linguagem pioneira, cujos efeitos recolhidos de sua recepção parecem tocar algo do real, como o que escapa à representação e se apresenta como experiência radical; efeito reconhecido por Brousse podendo se produzir a partir de imagens, seguindo a indicação de Lacan dessa possibilidade para a arte literária em Duras. Limite segue atual produzindo efeitos de interpretação para a experiência analítica em nossa época.

Palavras-chave: Cinema; Psicanálise; objeto *a*.

Abstract

This paper discusses the film Limite, directed by Mário Peixoto and released in 1931, with a narrative through images that refer to the passage of time and the human condition. Internationally recognized for its unique style and pioneering language, the effects of which, gathered from its reception, seem to touch something of the real, as that which escapes representation and presents itself as a radical experience; an effect recognized by Brousse as being able to be produced from images, following Lacan's indication of this possibility for literary art in Duras. Limite remains current, producing effects of interpretation for the analytical experience in our time.

Keywords: Cinema; Psychoanalysis, object a.

Resumen

Este artículo aborda la película Limite, dirigida por Mário Peixoto, estrenada en 1931, con una narrativa a través de imágenes que remiten al paso del tiempo y a la condición humana. Reconocida internacionalmente por su estilo único y lenguaje pionero, cuyos efectos recogidos a partir de su recepción parecen tocar algo real, como aquello que escapa a la representación y se presenta como una experiencia radical; efecto reconocido por Brousse como susceptible de ser producido a partir de

REVISTA DA FUNDARTE

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

imágenes, siguiendo la indicación de Lacan de esta posibilidad para el arte literario en Duras. El límite sigue vigente, produciendo efectos de interpretación para la experiencia analítica en nuestro tiempo..

Palabras clave: Cine; Psicoanálisis, objeto a.

QUANDO O CINEMA TOCA ALGO DO REAL

Este escrito discute uma obra-prima do cinema experimental e vanguardista, frequentemente associada ao Surrealismo e ao Expressionismo: Limite (1931), único filme do cineasta brasileiro Mário Peixoto. A narrativa não-linear e poética acompanha três personagens – duas mulheres e um homem – presos em um barco à deriva, enquanto suas lembranças revelam passados marcados por desespero e anseio por liberdade. A morte e a vida são tratadas não como opostos, mas como forças entrelaçadas, num jogo de limites, como sugere o título, que desafia a racionalidade.

Limite é um filme mudo e fala pelas imagens, pelo silêncio permeado de música que não o oblitera, pelos contrastes, enquadramentos, pelo que evita o óbvio, pela abertura ao sem sentido. O impossível atravessa a tela como um eixo, uma medula, o tempo todo ali, mais ou menos perceptível, é em torno dele que é tecida a trama, como buscando apreender pela imagem, pelo que aventa algum sentido, o que não se deixa capturar. Uma obra prima de um brasileiro[1] nascido na Bélgica, autor de livros sobre cinema, romances e poemas - Limite é seu único filme, feito em 1930, aos 22 anos, que estreou na Cinelândia, no Rio de Janeiro. As imagens da passagem do tempo e da condição humana nas águas de Mangaratiba despertaram a fúria da platéia e foi suspenso. Foi recuperado 40 anos depois, e daí por diante passou a ter o reconhecimento pelo pioneirismo, tornando-se um clássico em Cannes já no século XXI e liderando a apreciação entre os filmes nacionais pela

[1] Mário Peixoto (1908-1992)

REVISTA DA FUNDARTE

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

Associação Brasileira de Críticos de Cinema [2] :

> Em um pequeno barco à deriva, duas mulheres e um homem relembram seu passado recente. Uma das mulheres escapou da prisão; a outra estava desesperada; e o homem tinha perdido sua amante. Cansados, eles param de remar e se conformam com a morte, relembrando (através de flashbacks) as situações de seu passado. Eles não têm mais força ou desejo de viver e atingiram o limite de suas existências. (Wikipedia, 2024)

O filme inicia com uma imagem icônica: uma mulher de mãos algemadas, olhar perdido no horizonte, enquanto o barco flutua sem rumo. Essa cena estabelece a morte como um real inescapável – não apenas como fim biológico, mas como condição existencial. As imagens são compostas por peças soltas, sequências, cenas que se alternam entre passado e presente, com enredos paralelos que confluem para o barco à deriva. O amor, a rotina de trabalho, a fuga do cárcere - o impossível de suportar para cada um. O efeito que emerge na primeira recepção do filme toca algo do real ainda hoje, para cada espectador, como objeto ausente: o efeito das imagens sobre o público nos anos 30, a condição humana atemporal, a deriva dos protagonistas. O mar, elemento central, funciona como metáfora do inconsciente e do vazio – um espaço onde vida e morte se confundem.

O filme não separa vida e morte como conceitos opostos, mas os apresenta como faces da mesma experiência-limite: uma imagem especular, um olhar no espelho d'água, em que o vivo mira profundidade em que pode se extinguir. Com uma narrativa circular, o filme inicia e finaliza com o barco à deriva, antecipando o ciclo em que se fecha a narrativa imagética. A fotografia em preto e branco, com altos contrastes, acentua a ambiguidade entre luz e sombra, sem que uma anule a outra. Limite não é um filme sobre a morte como fim, nem sobre a vida como triunfo. É uma meditação cinematográfica sobre o real – aquilo que escapa à linguagem, mas se impõe como experiência radical. A morte como parte da vida; a vida, por sua vez, podendo ser mortificada pelo horizonte sem fim do esvaziamento de sentido. O

[2] Limite (filme). Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Limite_(filme) Acessado em 26/05/2024.

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

barco à deriva, as algemas, os olhares perdidos – tudo converge para a ideia de que existir é habitar um limite onde os contornos entre ser e não-ser se dissolvem.

Ao comentar a relação entre Psicanálise e Cinema, a psicanalista Marie Helene Brousse (PSIne, 2024) indica que além da via simbólica da interpretação pelo sentido, ao modo freudiano (Freud, 1907/2015), podemos tomar a via aberta por Lacan expressa no atravessamento que a obra de Marguerite Duras produz nele mesmo, leitor. E trazer de Freud sua indicação de que o artista precede o analista, de que Lacan se serve ao testemunhar a elaboração que emerge da obra de Duras: "O amor como imagem de si de que o outro reveste você e que a veste, e que, quando desta é desinvestida, a deixa? O que ser embaixo dela?" (Lacan, 2003, p. 201) Esse momento em que no texto de Duras, a imagem de Lol desfeita a desnuda, insuportável, se esvai; e que numa cena de Limite - o filme, leva o homem ao mar. Em Marguerite, essa imagem é criada pela palavra, no arrebatamento de Lol V. Stein, homenageada em sua habilidade de tocar o real através do discurso. Para ela, Lacan cria suas próprias imagens: que ela "celebra as taciturnas núpcias da vida vazia com o objeto indescritível". (Lacan, 2003, p. 205) Esse objeto a, que tem com o desejo, sempre do Outro, uma relação de causa, como real que não cessa de não se deixar representar. Se para Lol isso produziu seu desencadeamento, para Marguerite é assinalado por Lacan algo da satisfação sublimatória, no reconhecimento produzido em seu público leitor. Essa a orientação lacaniana ao real: o sem sentido, o binômio vida/morte, a suspensão em que se encontra o sujeito tomado pela urgência, o impossível de representar. (Brousse, 2014) Tomando a primeira elaboração de Lacan, sobre o estádio do espelho, que ressalta a relação forte entre imagem e o júbilo, como esse real posto desde o primeiro momento da teoria lacaniana: "Não é por ser uma imagem, que não tem consequências reais"[3] (Brousse, 2010, min. 0:53), ao que apresenta sua elaboração de que a imagem, se ordenadora produz efeitos de mascarar o que não tem na verdade esse ordenamento, essa unidade. E que se a imagem se aparta desse ordenamento, produz o efeito de caos, de fragmentação. (Lacan, 1998)

É desse ponto que interrogamos, o que se passa para cada um, diante da

[3] Tradução livre da autora.

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

tela? O que Freud localizou como o infamiliar, ao tomar o conto do Homem da Areia em seu comentário, invertendo a relação para a arte interprete a psicanálise (Freud, 1919/2019), é a possibilidade que tanto o cinema como a literatura colocam de poder tocar algo da angústia e/ou do êxtase, em sua produção, apresentação e recepção. A arte como experiência de tocar algo da verdade do sujeito, e a experiência estética como esse atravessamento, como um traço da singularidade do savoir-faire, saber-fazer como traduzimos, com seu modo único de arranjar-se com esse real. Nos interessa especialmente, no filme Limite, como as imagens produzem uma narrativa, como provocam nosso olhar, inquietam, movimentam algo que não podemos precisar em que medida está na obra, em quem a produziu ou em quem a assiste. Pedra de toque das produções que se distinguem do entretenimento, por convocar o sujeito ao invés de dispensá-lo na fruição anestésica dos sentidos. A arte como produtora de deslocamentos, e por isso mesmo, do que pode movimentar criativamente nossas inquietudes, ou mesmo capturar em imagens, algo do impossível para cada um.

Quase um século depois, Limite permanece atual justamente por sua recusa em oferecer respostas fáceis. Num mundo contemporâneo obcecado pelo culto ao prolongamento da vida e ao mesmo tempo pelo gozo mortífero das imagens especulares nas plataformas de hiperexposição digital, o filme lembra que a existência está na fronteira entre os dois. É nesse espaço ambíguo que a arte se desdobra, produzindo efeitos de interpretação sobre a recepção da obra, diante do real como aquilo que resiste à simbolização.

Referências:

BROUSSE, M.H. (2010) **2-8 Marie Hélène Brousse - Cuerpos lacanianos.** Vídeo (9:53 minutos) Publicado pelo canal icfgranada. Disponível em: https://youtu.be/NsAyBA8EnDo?feature=shared Acessado em 26/05/2024.

_____. (2014) **Conferencia Marie Hélène Brousse. ¿Qué es lo traumático?** (Vídeo) 1h04min03s Seminário del Campo Freudiano en San Sebastián, dezembro, 2014. Canal scfdonosti. Youtube Disponível em: https://youtu.be/FwwH8eZYTx4?feature=shared Acessado em 26/05/2024.

Filme - Limite (1931) (vídeo) 1h58min23s. Dir. Mário Peixoto. Canal Sociedade dos Documentaristas Brasileiros. Youtube. Disponível em: https://youtu.be/2vmT0KI7LXc?feature=shared. Acessado em 20/05/2024.

V. 67, N. 67 (2025)
ISSN 2319-0868

FREUD, S. [1907] **O Delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen**. Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. [1919], **O Infamiliar e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Homenagem a Marguerite Duras. In: **Outros Escritos**. p.201. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PSIne n° 1 - Entrevista a Marie-Hélène Brousse. (vídeo) 16min48s Programa de Investigación: Cine, Psicoanálisis y Otras Miradas | CIEC | Córdoba, Argentina | Por Gonzalo Zabala. Canal Revista PSIne. Youtube. Disponível em: https://youtu.be/lkznuAN0ohU?feature=shared Acesso em 20/04/2024.

Wikipedia. **Limite** (sinopse do filme). Direção Mário Peixoto.Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Limite_(filme) Acessado em 26/05/2024.

Recebido em: 07/10/2024.
Aceito em: 07/04/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Ivone Maia de Mello
Graduada em Psicologia pela Universidade Fumec - MG (1993), com especialização em Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana, pelo Instituto de Psicanálise da Bahia e Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (2018), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2004) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2009), Pós-Doutorado em Psicanálise e Saúde Mental. Professora Adjunta na Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Área de Psicologia, Ilhéus, Bahia. Interesses atuais em Psicanálise, Cinema e Literatura.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2435-4041
E-mail: immello@uesc.br

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

MELLO, Ivone M. QUANDO O CINEMA TOCA ALGO DO REAL. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 67, N. 67, p. 1-06, Dezembro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br